



NUESTRA AMÉRICA E BEM VIVER

Por: Nicolau Gayotto da Conceição¹

A tentativa de a América desempenhar um estudo de sua identidade, esbarra na coibição colonialista que perpassou pelo continente durante séculos. Durante mais de trezentos anos o território americano passou por uma brutal ocupação, de diversos países europeus – onde se destacam Espanha, Portugal e Inglaterra –, que concomitantemente apropriava-se de seus recursos e impossibilitava a construção de uma cronologia de ação originária. Essa dificuldade distancia o universo Americano de desenvolver uma política própria de prosperidade local. O Cubano José Julián Martí Pérez vai propor em seu texto célebre *Nuestra América*, justamente, uma tentativa de definição. Mas longe de determinar, sua proposta se esforça em propor a essência do projeto americano: uma identidade própria. Me apoiando nessa análise, encontrei na teoria do *Bem Viver*, através dos estudos de Alberto Acosta, conformidades que podem agregar e reiterar a proposta de Martí.

O *Bem Viver* é um ajuntamento de princípios que tem origem comum no mundo amazônico/andino, mas que se realiza de forma prática de variadas formas, conforme cada situação específica; “um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza²”. Cabe nesses princípios uma ideia base, em conformidade aos ideais de Martí, de uma personalidade territorial. Há aqui uma apologia dos problemas de conhecimento da América com o desamparo conceitual, histórico e cultural que se cultivou durante anos de experiência colonizadora, pois “conhecer é resolver”. Para isso é preciso entender o padrão europeu de mundo para superá-lo em novas concepções e linguagens de

¹ Graduando em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: nicolauco@gmail.com. ORCID: 0000-0002-9668-9142.

² ACOSTA, Alberto. *Bem Viver – Uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Editora Elefante. 2016. p.24

uma retórica própria ao contexto americano: “Aprender o caminho do inferno para dele se afastar”.

A estadia predatória do colonialismo nas américas não tinha outro objetivo maior que o acúmulo de capital para si, absorvendo tudo que havia em sua frente inconsequente dos efeitos desastrosos que traria. Um território imenso e rico de recursos naturais como a América segue pobre, por obra de planejamentos medíocres e um desperdício alarmante. Essa lógica curiosamente prosseguiu com outra roupagem. Os países mesmo independentes se clausuraram no modelo de acumulação de produtos primários e ficaram à mercê do consumo de produtos industrializados e empréstimos de capital para o seu desenvolvimento, se submetendo, novamente, aos desejos das ex-metrópoles na administração das políticas nacionais. Reiterando algumas liberdades, a subordinação colonizada colônia se estendeu na maioria do território americano.

Essa continuação parte do fundamento que a ideia de nação e sociedade descende de linhagem europeia, e por isso deveriam ser copiados por todos os países do mundo. A América era símbolo de ignorância e barbárie, de contribuição indígena e negra, não carregando a possibilidade de construir uma civilização. Desse raciocínio que se sustenta a obediência americana aos países da Europa.



“Por quase meio século, a boa vizinhança no planeta foi concebida à luz do “desenvolvimento”. Hoje, esse farol revela suas rachaduras”. Começou a desmoronar. Nessa perspectiva, tanto no *Bem Viver*, como em Martí “não se trata de fazer as mesmas coisas de sempre com mais eficiência, esperando que, agora sim, os resultados sejam satisfatórios”, muito menos “se busca propor uma série de ideias e consensos para disfarçar o sistema dominante”, mas do anseio por uma nova forma vida construída coletivamente. O desequilíbrio violento instituído pelos anos de ocupação colonialista deveria ser sobreposto por um sentimento humanista, privilegiando a coesão ente raças, classes e etnias, sustentadas no reconhecimento dos diversos valores culturais existentes, em favor de uma harmonia entre seres humanos. Não há, como era colocado pelo mundo europeu, um duelo entre a civilização e a barbárie, “mas entre a falsa erudição e a natureza”. O pressuposto teleológico por um desenvolvimentismo europeu, falseia a necessidade por uma política que seja elaborada no seio da realidade natural dos países. Incorpora-se nos discursos aqueles que antes foram desprezados, alinhando o humano como possessor de sua orientação.

Ser humano tem um novo centro de percepção na escrita de Martí: há uma noção da responsabilidade política de que o humano tem com sua terra, sua nação e seu povo. O povo, conceitualmente, é formador de todas as classes de uma nação; assumindo assim uma correlação inexorável entre os grupos originários e a administração da nação. Enquanto elites dirigentes, que não fazem parte da nação, ou que não a conhecem, continuarem a governar, os interesses daquele território estarão à mercê da decadência. O aprendizado mais feroz que o período colonial proporcionou para colônia é a exploração e transformação do mundo natural inerente à sua essência. Como se fosse o papel natural do serhumano fosse explorar a natureza. Quanto a essa lógica, cada vez mais a destruição será danosa para o ser-humano, e esses anos que se seguiram de desflorestamento na região são irreversíveis. Cabe agora mudar a lógica de pensamento direcionando às raízes dos países.

Cabe aos povos que não se conhecem se “apressarem para se conhecerem, como os que vão lutar juntos”. O criollo, iludido pelas perspectivas colonialistas, se afasta do povo. Não reconhece as contribuições culturais dos indígenas e negros, excluindo-os da condução da política do país. Há a necessidade de se conhecer seu povo, suas características heterogêneas e as heranças culturais que contribuíram para o nascimento da América; e não o desprezar como cultuam as elites governantes. Dessa maneira o *humano* toma posse de uma responsabilidade que transcende a fronteira nacional, ao

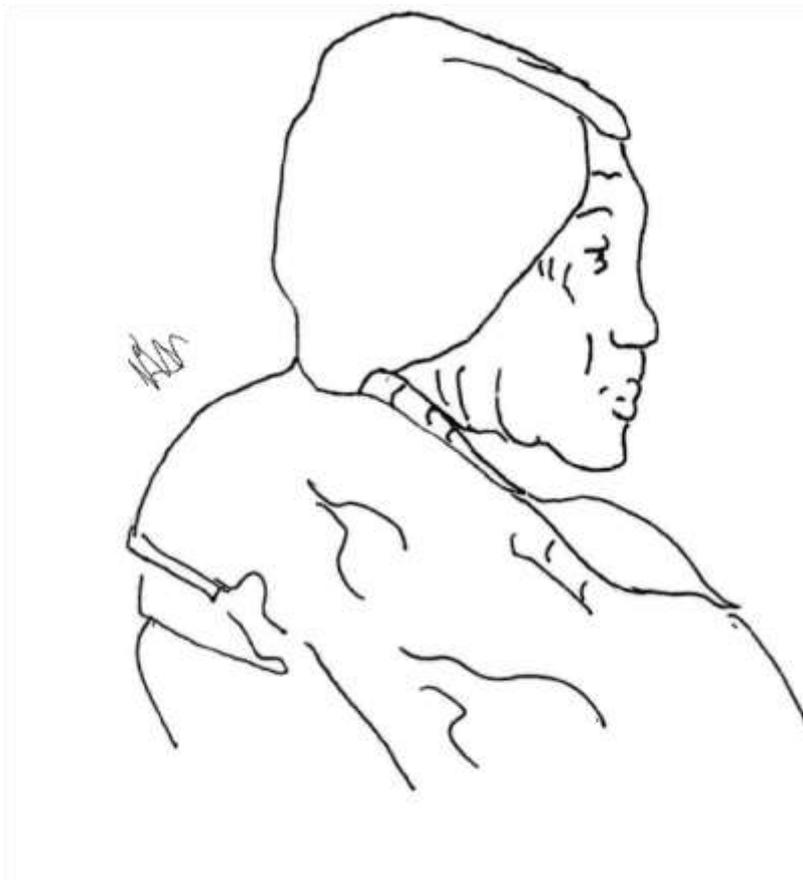
envolver as contribuições pluriculturais de vários povos para a formação de um conglomerado humano comum: A América. “Em que pátria pode o homem ter mais orgulho do que em nossas repúblicas dolorosas da América”. Coloca-se a pátria como valor moral, um dever que todos os homens devem seguir para consolidar sua humanidade. Afirma a ideia do *Bem Viver*, assim como é colocado na Constituição equatoriana, o humano como centro, e mais ainda, sua conformidade com a natureza; e afirma Martí: “o governo não é mais do que os elementos naturais do país”. A vida do homem está atrelada a harmonia com a natureza, e a perspectiva desenvolvimentista colocada pela exploração colonialista durante séculos abusou da natureza e hierarquizou os homens.



Dessa necessidade de converter a forma de pensamento que respalda o texto do *Bem Viver*. Mais do que isso, reitera a importância história dos pensamentos indígenas desprezada através de anos de colonização. Martí entende essa importância, e durante todo o texto retorna aos universos ideológicos indígenas para exemplificar, citar ou acrescentar na construção de sua ideia.

Colocando a persona do indígena como inerente à construção de um futuro na América e fator de seu declínio. O problema, para Martí, é colocado muito além de uma simples apuração ideológica entre qual sistema seguir, mas da estrutura de um pensar américa, pois “não se vê como do mesmo golpe que se paralisou o índio, paralisou-se a América?”; por isso, “até que não se faça andar o índio, não começará a América a andar bem”. Assim as duas perspectivas se alinham.

Mesmo após a independência os países latino-americanos seguiram sua dependência como haviam feito durante a colônia. A exportação de recursos naturais – primários – é base da lógica de prosperidade de diversos países americanos mesmo após a saída da metrópole dos territórios. Não se alterou a lógica desenvolvimentista, pelo contrário, se reiterou o anseio pela exploração e destruição da natureza, e em consequência prolongou a submissão com as ex- metrópoles.



O *Bem Viver* questiona as teorias desenvolvimentistas propagadas pela Europa na América. Ele coloca uma nova forma de pensamento baseado na inovação nos moldes tradicionais. Martí em consonância reitera a necessidade de conhecer-nos para governar. Esse conhecimento tem bases na América e não na Europa. O contraponto dos EUA, exemplificado por ele, mostra como a reprodução do sistema europeu é destinada à miséria e sangue. A salvação, diz ele, virá “com seus índios, e vai de menos a mais; estes desertores que pedem fuzil nos exércitos da América do Norte, que afogam em sangue seus índios, vão de mais a menos”. Coloca-se o indígena como resgate do horizonte corrompido, e o *Bem Viver* é o princípio para essa remição.

Referências Bibliográficas

MARTÍ, José. *Nuestra América*. Fundação Universidade de Brasília. 2011. NASSIF, Ricardo. *José Martí*. Fundação Joaquim Nabuco. 2010.

ACOSTA, Alberto. *Bem Viver – Uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Editora Elefante. 2016.